

A ATIVIDADE COLABORATIVA NO ENSINO MÉDIO¹

Eleone Ferraz de ASSIS²

RESUMO

Este estudo investiga a aprendizagem colaborativa dos alunos do Ensino Médio, objetivando compreender a interação do trabalho em par no aprendizado da língua inglesa.

Palavras-chave: Aprendizagem colaborativa, teoria sociocultural, atividades colaborativas.

Desde quando éramos acadêmicos do Curso de Letras, lecionamos língua inglesa no Ensino Fundamental e Médio da rede pública no Estado de Goiás. Naquela época, não tínhamos conhecimento metodológico sobre a aquisição de uma segunda língua, entretanto, já nos preocupávamos com o desinteresse e a rejeição dos educandos face à aprendizagem desse idioma. Com a conclusão da nossa graduação, tais questionamentos aumentaram, levando-nos a uma série de reflexões sobre o assunto. Uma das hipóteses levantadas foi a de que o desinteresse e a rejeição do aluno pelo idioma impossibilitam o desenvolvimento de suas habilidades lingüísticas. Diante disso, fizemos uma investigação para verificar se as atividades colaborativas podem resgatar o interesse dos alunos do 3º ano do Ensino Médio pela língua estrangeira.

A pesquisa foi realizada em uma escola da região noroeste de Goiânia, que contava com 32 docentes, sendo 08 graduandos, 23 graduados e 09 especialistas. Na matriz curricular do Colégio, há três (3) aulas semanais de Inglês, de quarenta e cinco minutos ministradas por três professores graduados em Letras: Português/Inglês. Desses professores, dois são especialistas em Leitura: Teorias e Práticas e um em Literatura Brasileira. Da pesquisa, participaram 14 discentes do 3º ano do Ensino Médio, cuja faixa etária variava de 17 a 25 anos. Neste artigo, faremos referência a tais alunos da

¹ Este artigo é uma adaptação da monografia apresentada ao término do curso de especialização em Língua Inglesa.

² Pós-Graduado em Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Goiás- UEG, mestrando em Literatura e Crítica Literária pela Universidade Católica de Goiás – UCG, professor da Unidade Universitária de Trindade – UEG e apoio pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.

seguinte forma: aluno (1); aluno (2); aluno (3) ou nomes fictícios. Para este estudo, primeiro, foram trabalhadas atividades colaborativas de leitura e interpretação de textos. Em seguida, os dados foram coletados por meio entrevistas semi-estruturadas e gravadas em fita K7 e questionários com 8 (oito) perguntas sobre as atividades realizadas e o percentual foi o parâmetro para a análise dos dados.

A revisão da literatura aponta que a aprendizagem de uma L2 por intermédio do processo cooperativo deve acontecer em pequenos grupos, pois isso evitaria a dispersão possibilitaria um trabalho em conjunto na busca do mesmo objetivo. Enfatiza ainda que estes grupos devem ser os mais heterogêneos possíveis, pois isso estimularia a discussão e o debate e, conseqüentemente, maior riqueza nas trocas de experiências e evolução dos integrantes.

Vigotsky (2002) afirma que o homem aprende por meio da interação com outras pessoas, constituindo, dessa forma, o seu intelecto. Ele afirma também, que a inserção do indivíduo num determinado ambiente social e cultural é parte essencial de sua constituição como pessoa. Diz ainda que

o homem e o meio exercem influência recíproca, ou seja, a característica básica do comportamento em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o meio ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle (VIGOTSKY, 2002, p. 68)

Acordados com o estudioso, os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – afirmam que “ aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional.” (PCN, 1999, p. 57).

Pina (2001) enfatiza que a inteligência humana provém da nossa sociedade ou cultura e que ocorre, em primeiro lugar, por meio da interação com ambiente social. Diz ainda que “a aprendizagem ocorre através da interação com outras pessoas [pois] desde quando nascemos, interagimos com os outros em nossa vida diária, e através destas interações, construímos o nosso próprio conhecimento” (Pina, 2002:10). Segundo Paiva

(2001), na aprendizagem de uma língua, a interação é imprescindível, pois ela é por natureza social. Figueiredo (2002, p. 125) acrescenta que a interação “proporciona aos alunos a oportunidade de refletirem sobre a língua que estão aprendendo e com isso, de se desenvolverem para uma aprendizagem mais significativa”. Diante de tais fundamentos, acredita-se que a teoria de Vygotsky possibilita estudos não só na área de ensino/aprendizagem como também em ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras porque o enfoque sociointeracional “no ensino de uma L2 se torna indispensável para uma comunicação efetiva e os processos cognitivos são gerados na zona de desenvolvimento proximal por meio da interação entre o aluno e um participante de uma prática social, que é um parceiro mais competente” (PCNs, 1999, p. 35).

Vygotsky (2002) aponta a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) com dois níveis de desenvolvimento: o de Desenvolvimento Real (DR) e o de Desenvolvimento Potencial (DP). O primeiro refere-se ao desenvolvimento já completado e conquistado pela criança em um determinado período de sua vida e o nível de desenvolvimento potencial indica as funções que ainda não foram desenvolvidas, mas que se encontram em processo de maturação e que com o tempo se amadurecerão e passarão a pertencer à Zona de Desenvolvimento Real.

Embora Vygotsky (2002) utilize esta teoria para explicar a aprendizagem de crianças, ela é considerada ideal para explicar a aquisição de uma L2, seja para crianças seja para adultos, porque a ZDP é como uma “semente” que ainda não se consolidou, mas que pode tornar-se real, sob a orientação ou colaboração de alguém mais competente. Sendo assim, na aprendizagem de uma Língua Estrangeira, é possível encontrarmos algo paralelo a estes dois estágios: as funções da língua que o aprendiz é capaz de usar e as funções que ele pode ainda não ser capaz de utilizar ou processar. Além disso, a interação com o meio torna-se imprescindível, pois a presença de um indivíduo mais competente ajuda os sujeitos envolvidos no processo a testar hipóteses e a negociar sentidos, levando esse mesmo discente a obter sucesso em situações comunicativas. Desse modo, o aprendizado de uma L2 só será possível através das “relações reais entre o processo de desenvolvimento e capacidade de aprendizado” (VIGOTSKY, 2002:111). Ou seja, a partir do que o aluno já sabe sobre a língua alvo, é possível definir o que ele é capaz de aprender. Se o educando for exposto a um *input* “i

+ 1” (FIGUEIREDO, 2002) com a ajuda de um companheiro mais competente, por estar dentro da capacidade de desenvolvimento do aprendiz, essas funções amadurecerão.

Para Carvalho (2002), a presença de uma pessoa com mais conhecimento não é exatamente necessária porque a interação com outras pessoas desperta vários processos internos no aprendiz. Ele ainda discute que nem sempre o indivíduo mais competente está preparado para ajudar em toda tarefa, sendo que em algumas ele precisará de auxílio. Sendo assim, os aprendizes fornecem o mesmo tipo de suporte um para o outro. Isso é possível porque ZDP se constitui de negociação e renegociação de significados.

Depois de tudo isso, pode-se dizer que o bom ensino é aquele que se embasa no meio cultural e busca, nas relações entre os indivíduos, a definição do percurso de desenvolvimento da pessoa humana.

Define-se aprendizagem colaborativa como “um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem com utilização em grupos estruturados com estratégias de desenvolvimento de competências mistas, nas quais cada membro do grupo é responsável, quer pela sua aprendizagem quer pela aprendizagem dos restantes elementos”³. Ela se consolidou, segundo Figueiredo (2002) como um conceito importante no campo da aprendizagem em geral, por “fazer com que os alunos ensinem uns aos outros, fazendo com que o sucesso de um seja o sucesso do grupo” (BATISTELLA, 2002, p. 01). Entende-se, portanto, que a aprendizagem colaborativa necessita da participação ativa e a interação dos alunos, dos professores e da família. Diante disso, o conhecimento passa a ser visto, segundo Pina (2002), como um elemento social, e o processo educativo se favorece pela participação em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação.

Percebe-se, por conseguinte, que a interação é peça chave para o desencadeamento da aprendizagem, pois ela propicia aos aprendizes a oportunidade de confiar uns nos outros possibilitando a troca de idéias em grupo que leva ao desenvolvimento do espírito crítico, social e a superação dos problemas em tarefas diversas. Acredita-se que a aprendizagem colaborativa estimula o aluno a estudar para dominar, de forma efetiva, uma L2 e, além disso, o estímulo inserido nesse processo gera um ambiente de constante avaliação.

³ Esta definição encontra-se em www.lumni.com.br/IA010?artigos-html/aprendizagem.colaborativa.htm. Acesso em 12/08/02

Pesquisas comprovam que a aprendizagem colaborativa, quando implantada nas salas de aulas de LE traz “benefícios pedagógicos e psicológicos” (FIGUEIREDO, 2002, p. 106), porque, como destaca Carvalho (2002), tanto o *input* como o *output* compreensíveis são geradores do aumento da autoconfiança e da auto-estima; interação; redução da ansiedade e aumento da motivação. Desse modo, ela maximiza “a aquisição de uma L2 por promover oportunidades tanto de *input* quanto de *output*” (FIGUEIREDO, 2003, p. 130) e favorece uma atmosfera de apoio entre os aprendizes, aumentando a sua auto-estima e os tornam mais motivados, na medida em que podem perceber e desenvolver suas reais potencialidades em atividades ao se tornarem mais participativos da aprendizagem (CRANDALL, 1999; FIGUEIREDO, 2002). Diante disso, percebe-se que a Aprendizagem Colaborativa rompe com as vertentes clássicas tradicionais de transferência de conhecimentos do professor para o aprendiz e

impõe novos desafios a alunos e professores que, neste paradigma, assumem juntos a responsabilidade do aprendizado. O professor passa a ter um papel ainda mais fundamental no aprendizado do grupo com a responsabilidade de direcionar as discussões e estimular os alunos para que se beneficiem do aprendizado colaborativo (BATISTELLA, 2002, p. 02).

Nesse sentido, os aprendizes de uma L2 envolvem-se no processo de aprendizagem, comprometendo-se com ela. Entretanto, “para o aluno tirar real proveito dessa situação de aprendizagem ele deve aprender a filtrar as informações apresentadas, analisando-as criticamente, o que desenvolve uma capacidade de raciocínio mais elaborada”, conforme Casagrande (2002, p. 02). Sendo assim, os educandos assumem o papel de educadores dentro do seu grupo de trabalho ao compartilhar a responsabilidade de escolher, direcionar e construir os objetos de estudo.

Sob essa ótica, Figueiredo (2002) afirma que a aprendizagem da LE só acontece por meio da interação em que um aluno ajuda o outro e as interações ocorridas nesse processo não apenas facilitam a aprendizagem, mas também possibilitam aos alunos desempenhar diferentes papéis sociais, tais como: receber e dar conselhos, fazer perguntas e responder a elas, agir, tanto como quem aprende quanto como quem ensina

Tanto nos questionários examinados quanto nas entrevistas, os quatorze alunos participantes da pesquisa apontaram mais aspectos positivos que negativos na avaliação das atividades em par. É o que se observa nos quadros abaixo:

Quadro 1 – Avaliação do trabalho em par	Quantidade	Frequência
Positiva	12	85,71 %
Negativa	2	14,29 %
Total	14	100 %

Quadro 2 – Aspectos positivos e negativos	
Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
<ul style="list-style-type: none"> • Fortalece a convivência dentro do grupo • Duas cabeças pensam mais. • Ajuda ao próximo • Facilita o entendimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho explorativo

Abaixo têm-se algumas observações dos alunos, apontando aspectos positivos das atividades colaborativas:

[aluno 1] “O trabalho em par foi muito positivo, pois fortaleceu a boa convivência respeitando o direito de opinião.”

[aluno 9] “Juntos conseguimos responder melhor as questões.”

[aluno 11] “Porque um ajuda o outro.”

O aluno 1 aponta aspectos positivos do trabalho colaborativo porque, para ele, além desse tipo de atividade desenvolver habilidades sociais, possibilita negociar a sua própria aprendizagem. Quando os alunos 9 e 11 falam da ajuda mútua, comprovam que esse tipo de metodologia favorece uma atmosfera de apoio entre eles, aumentando sua auto-estima e tornando-os mais motivados e, conseqüentemente, desenvolvendo sua potencialidades reais.

Entretanto, a fala do aluno 7 aponta um aspecto negativo do trabalho em par:

[aluno 7] “Trabalho em dupla é muito explorativo.”

Em relação à exploração, verifica-se que sempre existe a possibilidade de isso acontecer no processo de aprendizado. Afinal, aprender cooperativamente envolve saber lidar com as diferenças, os mal-entendidos, os conflitos culturais etc.

Verifica-se, contudo, que as atividades colaborativas nas aulas de língua inglesa apresentam vários benefícios à aprendizagem e à formação individual e social dos aprendizes. Examina-se tais benefícios quadro abaixo:

Quadro 3 - Benefícios das atividades colaborativas
<ul style="list-style-type: none">• Interação face a face;• Desenvolvimento da autoconfiança;• Troca de informações;• Aumento da motivação.

Os alunos pontuaram a interação face-a-face como algo importante à aprendizagem de uma segunda língua. Isso pode ser comprovado nas respostas dos alunos 4 e 10:

[aluno 4] “Mais positiva, algumas palavras que eu não sabia, ele sabia”.

[aluno 10] “Digo que positiva porque se eu não sei uma palavra ou matéria meu próximo pode me ajudar”

[aluno 11] “aluno fica mais confiante quando vai fazer as atividades”

Como se verifica, os alunos percebem que a interação face-a-face é uma via de mão dupla, porque ao mesmo tempo em que se aprende também se ensina, desenvolvendo, por isso, a autoconfiança. A afirmação do aluno 11 demonstra que atividades colaborativas desenvolvem a autoconfiança do aprendiz, pois cria um ambiente positivo ao encorajá-lo a assumir riscos e a esclarecer seus pontos de vista.

Os indivíduos pesquisados perceberam que as atividades em par propiciam a troca de informação:

[aluno 12] “os alunos que têm mais dificuldade para aprender o inglês por exemplo, podem fazer com que seu colega aprenda a matéria ensinando a ele de uma forma mais clara e simples, diferente da de um professor”

Para o aluno 12, a troca de informação, além de fazer com os alunos ensinem uns aos outros, também desenvolve seu espírito crítico e propicia a aquisição de conhecimento. Um outro benefício apontado pelos alunos foi o aumento da motivação:

[aluno 12] “Testou os meus conhecimentos e tive um resultado bastante proveitoso”.

O benefício das Atividades colaborativas recai sobre a criação de um ambiente positivo para a aprendizagem de uma segunda língua por tornar as contribuições dos alunos claras e relevantes. Avaliando as atividades colaborativas, os alunos que participaram da pesquisa, apontaram esse tipo de atividade como ótima, boa, regular e ruim como se verifica no quadro 4:

Quadro 4 – Avaliação das atividades colaborativas	Quantidade	Frequência
Ótima	5	35,71 %
Boa	6	42,85 %
Regular	1	7,14 %
Ruim	2	14,28 %
TOTAL	14	100 %

Os alunos 1, 8 e 12 avaliaram as atividades colaborativas como ótima, como se verifica abaixo:

[aluno 1] “São atividades de cunho bastante social, fortalece a boa convivência dos cidadãos dentro dos grupos sociais”.

[aluno 8] “Ótima!! Porque quando não sei responder meu colega colabora comigo”.

[aluno 12] “De um ótimo resultado quando todos do grupo participam dando opiniões, trabalhando e colaborando”.

Na resposta do aluno 1, verifica-se que as atividades colaborativas são de cunho social, porque possibilitam a melhoria no relacionamento com os colegas. Além disso, gera conhecimento e estimula o desenvolvimento social. Já o aluno 8 observa que a interação proporcionada pelas atividades colaborativas possibilita uns ensinarem aos outros, fazendo com que o sucesso de um seja o sucesso de todos.

Dentre os alunos pesquisados, 42,85 % avaliaram as atividades colaborativas como boas:

[aluno 4] “Boa. Um colabora com o outro”.

[aluno 5] “Legal porque é dialogado”.

A afirmativa do aluno 4 confirma que a cooperação é algo importante na aprendizagem de uma segunda língua, porque por meio dela cria-se um ambiente favorável à aprendizagem da língua alvo. Já o aluno 5 afirma que a interação dialógica entre eles propicia a negociação da aprendizagem refletida sobre a língua que estão

aprendendo. Verifica-se que 14,28 % dos alunos avaliam as Atividades Colaborativas como algo ruim. Abaixo, a resposta do aluno 7 comprova essa assertiva.

[aluno 7] “Não sei essa coisa de dupla é muito ruim acho que o individual sofre mais para aprender”.

Percebe-se nessa resposta que o aluno traz marcas do ensino tradicional em que os aprendizes resolvem as atividades sozinhos e, talvez, esse possa ser o motivo que o levou a avaliar as Atividades Colaborativas negativamente.

No tocante ao processo ensino-aprendizagem, as Atividades Colaborativas afetam os alunos de várias maneiras como se comprova no quadro 5.

Quadro 5 – Os efeitos das atividades colaborativas	
Efeitos Positivos	Efeitos Negativos
<ul style="list-style-type: none">• Possibilidade de expressão;• Aquisição de conhecimentos;• Descoberta das reais potencialidades;• Possibilidade de interação.	<ul style="list-style-type: none">• Desinteresse pelas atividades;• Dificuldade de relacionamento;• Possibilidade de exploração.

Nota-se que as citações dos alunos 8 e 12 indicam os efeitos positivos das atividades colaborativas:

[aluno 8] “ Declarei o que eu penso...”

[aluno 12] “ Testou os meus conhecimentos e teve um resultado bastante proveitoso”.

O aluno 8 destaca a possibilidade de poder expressar com clareza e confiança suas opiniões, assumindo um papel mais ativo em sua aprendizagem. No momento em que o aluno 12 fala da testagem de conhecimento e obtenção de resultados positivos, evidencia que as atividades colaborativas aumentaram sua auto-estima, levando-o a perceber suas reais potencialidades e motivando-o para aprender inglês.

Observamos, nas citações dos alunos 5, 6 e 7, a presença dos efeitos negativos das atividades colaborativas:

[aluno 5] “eu fiz com uma pessoa péssima que não sabia nada”.

[aluno 6] “com quem eu fiz a atividade não ajudou nada”.

[aluno 7] “Se quer me importei com esses exercícios”.

Alguns alunos demonstraram desinteresse pelas atividades colaborativas, como se nota na resposta do aluno 7. Percebe-se, na resposta, que o problema não está necessariamente nas atividades, mas na desmotivação do discente. Durante a resolução das atividades, houve a possibilidade de exploração de um colega pelo outro, porque alguns aprendizes não se entrosaram e, conseqüentemente, não houve interação.

Contudo, a maioria dos alunos pesquisados afirma que há aprendizado por intermédio da interação. Examinemos o quadro 6:

Tabela 6 – Possibilidade de aprender através da interação	Quantidade	Frequência
Sim	11	78,57 %
Não	3	21,43 %
TOTAL	14	100 %

Ao analisar as respostas dos alunos, percebe-se que 78,57 % deles concordam com a possibilidade de aprender através da interação e as citações abaixo comprovam isso:

[aluno 1] “duas cabeças pensam melhor do que uma, assim, um complementa as falhas do outro”.
 [aluno 3] “Junto com o colega aprendemos melhor”.
 [aluno 4] “você ajuda o seu colega”.
 [aluno 10] “a troca de informações é muito importante”.
 [aluno 11] “aluno fica mais confiante quando vai fazer as atividades”.
 [aluno 12] “(...) o aluno que tem mais facilidade para aprender o inglês por exemplo, pode fazer com que seu colega aprenda a matéria ensinando a ele de uma forma mais clara e simples, diferente da de um professor”.

Os alunos 1 e 3 apontam a interação como significativa porque possibilita a construção do conhecimento. Já os alunos 4 e 10 destacam a troca de informações como algo responsável pela aprendizagem. E, como se sabe, o conhecimento é construído por meio de discussões, reflexões e tomadas de decisões. Por fim, o aluno 12, destaca a importância da interação com um colega mais competente na realização de atividades porque, para ele, os colegas com maior de conhecimento ajudam aqueles que têm dificuldade.

Para os alunos 7 e 14 não é possível aprender por meio da interação. Veja:

[aluno 7] “Um sempre faz com o outro que sabe para explorá-lo”.

[aluno 14] “nem todas atividades devem ser em duplas”.

O aluno 7 afirma que nem sempre é possível aprender por meio da interação. Isso, talvez, pela falta de objetivos de alguns aprendizes que sentam com o colega e não ajudam na realização das atividades. Para o aluno 14, não há aprendizagem através da colaboração porque nem todas tarefas podem ser resolvidas com o colega. Isso se evidencia quando a atividade proposta não exige interação. Sendo assim, os mecanismos de aprendizagem não são acionados e transforma a tentativa de aprender em efeitos negativos.

A maioria dos alunos que participaram da pesquisa aconselha o professor a trabalhar mais com as Atividades Colaborativas. Vejamos quadro 7:

Quadro 7 – Você aconselha a trabalhar mais vezes com atividade colaborativa	Quantidade	Frequência
Sim	10	71,42%
Não	4	28,58%
TOTAL:	14	100%

Percebe-se, na tabela 7, que 71,42 % dos alunos aconselham o professor a trabalhar mais com as Atividades Colaborativas. Entre as vantagens do trabalho com o colega, os aprendizes apontaram cooperação e/ou interação como facilitadora da aprendizagem:

[aluno 1] “é muito importante para o aprendizado a boa convivência e o diálogo entre colegas”.

[aluno 10] “não só é bom método de aprendizagem como ensina como trabalhar em grupo”.

Nos exemplos acima, fica clara a necessidade de o professor explorar mais a teoria sociocultural no trabalho docente. Planejar aulas utilizando técnicas e estratégias de aprendizagem com grupos estruturados possibilitam o desenvolvimento de várias competências.

Durante as entrevistas, perguntamos as alunas se a experiência com a aprendizagem colaborativa desenvolvida durante as aulas de inglês foi enriquecedora ou desgastante:

Quadro: 9 – Aprendizagem Colaborativa como Atividade Sócio-cultural	Quantidade	Frequência
Enriquecedora	4	80 %
Desgastante	1	20 %
TOTAL	5	100 %

Como se nota, as respostas do alunado possuem relação com a teoria sociointeracionista:

[Eliena] “Enriquecedora. Porque havendo trocas de informações, eu penso assim que o entendimento da gente pode ser expandido e pode ajudar o outro... também. (...) Acredito até que o diálogo pode levar ao entendimento e aprendizado”.

De acordo com a Eliena, percebe-se que o trabalho em par é enriquecedor por possibilitar a negociação e renegociação de significados via interação. Já para a aluna Camila, as atividades colaborativas podem também ser desgastantes:

[Camila] “Depende da pessoa que você senta junto com ela passa conhecimento pra você e a desgastante é porque tem alunos na sala de aula, que por eles saberem mais do que a pessoa, eles tentam fazer o trabalho sozinho e fala”:

Analisando a fala dessa aluna, percebe-se que a individualidade das pessoas mais competentes pode dificultar o desenvolvimento do nível potencial do aprendiz com dificuldade.

A análise dos dados revela que 85,71 % dos participantes da pesquisa fizeram uma avaliação positiva do trabalho em par. Enquanto apenas 14,29 % dos alunos avaliaram a colaboração negativamente. Em razão disso, é possível afirmar que as atividades colaborativas podem acabar com o desinteresse que os aprendizes manifestam em relação a língua inglesa e facilitar a aprendizagem.

Os dados do questionário e da entrevista confirmaram o estudo de autores como Casagrande (2002) e Carvalho (2002): a aquisição de conhecimento é algo social que pode ser favorecido pela interação durante as Atividades Colaborativas. Para os alunos que participaram da pesquisa, as Atividades Colaborativas, além de facilitarem o

aprendizado da língua inglesa, desenvolvem a autoconfiança e aumentam a motivação dos aprendizes.

A análise dos dados revelou que o processo de aprendizagem da língua inglesa pode ser afetado positivamente com as atividades colaborativas por possibilitarem a descoberta das potencialidades reais e proporcionar um ambiente de relações positivas ao ativar a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Nas tabelas, 71,42 % dos participantes apontaram as Atividades Colaborativas como um importante enfoque no trabalho docente. Acredita-se que a alta porcentagem de alunos que aconselham o trabalho em par está relacionada ao fato de tais atividades possibilitarem a troca de informações e a ajuda mútua entre os aprendizes.

Como se verificou, na análise dos dados, que as atividades colaborativas trazem benefícios pedagógicos nas salas de aula de língua inglesa. É possível perceber no quadro 5, que a interação do aprendiz com o colega pode sanar dúvidas que não seriam sanadas com o professor e também romper com o paradigma tradicional de ensino no qual o conhecimento somente é transmitido do professor para o aluno.

Essa pesquisa evidenciou que as Atividades Colaborativas podem mudar o quadro atual do ensino/aprendizagem de língua inglesa no Ensino Médio por possibilitarem o desenvolvimento da autoconfiança, aumentar a motivação, romper com o medo e levar o aprendiz a ter um papel ativo na sua aprendizagem.

Em um ambiente positivo, como apontaram os pesquisados, o aprendiz desenvolverá seu nível potencial e refletirá sobre a língua que está aprendendo, ajudará mutuamente e aprenderá com o colega. Além disso, ele promoverá sua autonomia ao tornar responsável por sua própria aprendizagem.

Avaliando-se este estudo, verifica-se que ele apresenta algumas limitações. Uma delas diz respeito ao número reduzido dos alunos participantes, impedindo generalizações com outros grupos de alunos. Ainda assim, acredita-se que os resultados apresentados e discutidos mesmo que restritos podem ser indicativos de problemas e soluções em questões dos discentes do Ensino Médio do interior do Estado de Goiás.

Nessa investigação, como foi visto, verificaram se as atividades colaborativas como resgatadoras do interesse dos alunos do 3º ano do Ensino Médio para a aprendizagem da língua inglesa. Os resultados demonstraram que aquele método de ensino facilita a aprendizagem da L2 além de minimizar a rejeição que os aprendizes manifestam por outro idioma.

Diante disso, conclui-se que as atividades colaborativas influenciam, de maneira positiva, a aprendizagem da língua inglesa por meio da interação social e, além disso, possibilita o desenvolvimento de competências específicas e necessárias nos diversos momentos do processo da aprendizagem da L2.

ABSTRACT

ASSIS, Eleone Ferraz. Collaborative activity in High School. *Temporis[ação]*, Goiás, v. 1, nº 9, Jan/Dez 2007.

This study aims to investigate about the collaborative learning of the students that are finishing High School as well as it proposes to understand the interactions of the pair works into English language learning.

Keywords: Collaborative learning, sociocultural theory, collaborative activities.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTELLA, J. P. G. *Aprendizagem Colaborativa*. Disponível em: <<http://www.lumni.com.br/IA010/artigos-html/joaopaulo.htm>> Acesso em: 12 agosto. 2002.
- CASAGRANDE, L. M. *O que é Aprendizagem Colaborativa*. Disponível em: <<http://lumni.com.br/IA010/artigos-html/ludimila.htm>> Acesso em: 12 agosto. 2002.
- CARVALHO, G. de O. *Revisão Colaborativa de Textos Escritos em Língua Inglesa por Alunos Iniciantes do Curso de Letras*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) Faculdade de Letras: UFG, Goiânia, 2002
- CRANDALL, J. Cooperative Language Learning and Affective Factors. In: ARNOLD, J. (ed). *Affect in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. Revisão Colaborativa de Textos Escritos em Língua Inglesa: Semeando a Interação. *Revista Aplicada de Lingüística*: UNICAMP, p,105-129, jan/jun. 2002
- _____. *Aprendendo com os Erros: Uma Perspectiva Comunicativa de Ensino de Línguas*. 2ª ed. Goiânia: Editora da UFG, 2002.
- _____. *Correção com pares: Os Efeitos do Processo de Correção Dialogada na Aprendizagem de Língua Inglesa*. Tese (doutorado em Letras) Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- JONHSON, D. *Approaches to Research in Second Language Learning*. New York: Longman, 1992.
- PAIVA, V. L. M. O. A. WWW e o Ensino de Inglês. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.1, n.1, p.93-116, 2001.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 1999.
- PAULA, M. A. O que é Aprendizagem Colaborativa? Disponível em: <<http://www.lumni.com.br/IA010/artigos-html/mauricio.htm>> Acesso em: 12 ago. 2002.
- PINA, A. P. *Aprendizagem Colaborativa*. Disponível em: < <http://www.geocities.com/apcpina/> > 2001. Acesso em: 12 ago. 2002.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WALLACE, M.J. *Action Research of Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University, 1998.